Leituras rápidas

EU NUNCA...



Glauce

TATIANA AMARAL

Eu Nunca... Gllauce

Série Eu Nunca

Tatiana Amaral

EU NUNCA...

Leituras rápidas



Gllauce

TATIANA AMARAL

Copyright © 2022 Tatiana Amaral

All rights reserved

The characters and events portrayed in this book are fictitious. Any similarity to real persons, living or dead, is coincidental and not intended by the author.

No part of this book may be reproduced, or stored in a retrieval system, or transmitted in any form or by any means, electronic, mechanical, photocopying, recording, or otherwise, without express written permission of the publisher.

ISBN-13: 9781234567890
ISBN-10: 1477123456

Cover design by: renato Klisman
Library of Congress Control Number: 2018675309
Printed in the Brasil

EU NUNCA...

Gllauce

TATIANA AMARAL

“I knew I wouldn't forget you
And so I went and let you blow my mind”
Train



DEZESSEIS ANOS DEPOIS

“Você vai?”

Gllauce encarou a mensagem do único amigo que manteve após a formatura. E, ainda assim, a amizade manteve-se por um único motivo: assim que as aulas findaram, ela voltou para a sua cidade natal, Amargosa, onde assumiu a administração da clínica do pai. Pouco depois iniciou a Faculdade de Fisioterapia e seu foco mudou.

Ela não convivia com Alexandre, não precisou em nenhum instante encará-lo e relembrar o passado, até que este, aos poucos, se acomodou em seu lugar, no passado. O máximo de aproximação que tiveram durante anos foi através de e-mail, mensagens trocadas e, nos últimos tempos, o retorno da esquecida intimidade quando a comunicação tornou-se mais fácil.

Gllauce quase nunca pensava sobre o ocorrido, mas quando acontecia, agradecia ao tempo por ser este o agente responsável por pôr cada coisa em seu devido lugar. Quando reacendeu a amizade com Alexandre, nada mais restava além do interesse real como amigos. Ele casou, tinha um menino que acabara de ingressar no ensino médio, com planos de estudar Medicina. O maior orgulho do pai. Já Gllauce sentia-se em paz em seu casamento, com seus dois filhos e um cachorro. Não havia motivo para evitar o encontro. Ainda assim…

“Você tem onde ficar aqui em Salvador?”

Alexandre digitou a mensagem antes que ela respondesse. Mais uma vez, ela não soube o que dizer e encarou a tela do celular sem encontrar uma maneira de fazer aquilo acontecer sem se deixar abalar.

“Pode ficar aqui em casa, se quiser”

Ela soltou o ar preso nos pulmões e se perguntou se fizera certo em confirmar a sua presença para o encontro da turma de Administração da Universidade Federal da Bahia do ano de 2006, quando seu interfone tocou.

— Oi! — Gllauce disse sem pensar direito no que fazia. Seu olhar ainda se mantinha preso na tela do celular.

— Dra. Gllauce, seu próximo paciente, já se encontra na recepção.

— Certo, Mônica.

A mulher desligou o interfone, ciente de que precisava trabalhar, assim como, de que não podia ignorar as mensagens do amigo. Por isso digitou rápido:

"Vou sim. Não se preocupe, tenho onde ficar."

A resposta chegou tão rápido que fez com que ela se perguntasse o quanto ele desejava aquele encontro. Depois, sacudiu a cabeça para espantar os pensamentos e se negou a seguir aquela linha de raciocínio. Alexandre sempre foi gentil e preocupado com os amigos, e estes foram os pontos que fizeram aquela amizade nascer.

"Ótimo! Ansioso para te reencontrar." Ele escreveu, mas Gllauce respondeu com um emoji de despedida e deixou o celular em sua sala quando se levantou para atender o próximo paciente na ala de fisioterapia.

Naquele dia trabalhou com mais atenção. Foram dezesseis anos desde que se viram pela última vez. Apesar da pouca distância entre uma cidade e outra, Gllauce não fazia questão de retornar a Salvador com frequência, uma vez que sua vida se estabeleceu em Amargosa, e quando o fazia, estava sempre acompanhada do marido e dos filhos, de forma a não priorizar o encontro entre amigos.

Alexandre por outro lado, passou anos sem pensar em Gllauce. Assim que se formou conheceu a esposa, conseguiu um emprego, se inscreveu para uma pós-graduação e se concentrou em se destacar em seu meio profissional. Em dezesseis anos foram três empresas, algumas promoções, segmentação de nicho e dedicação total à sua família.

Nem ele cumpriu a promessa dos encontros anuais. Entrava ano e saia ano sem que se preocupasse com tal questão. Conversava, em seu pouco tempo livre, com os que ainda se mostravam dispostos a uma amizade à distância e sem qualquer cobrança quanto à dedicação. Limitou seu grupo de amigos à família e aos colegas de trabalho.

Mas, quando reencontrou Gllauce em uma rede social e trocaram os números de telefones, ele se viu preso a curiosidade quanto a amiga, além de

relembrar aquela última semana na faculdade. Não podia reclamar da vida, possuía um bom cargo, tinha um salário aceitável e uma família estruturada e organizada. Contudo, às vezes ele se imaginava em outra direção, com outras possibilidades, como a coragem que Gllauce teve para logo após concluir uma faculdade com conhecimento para iniciar a sua carreira, optar por recomeçar e caminhar em outra direção.

Ele não se arrependia das suas escolhas, porém reconhecia que muitas delas foram tomadas conforme à necessidade, que em diversos momentos seus sonhos ficaram de lado, suas vontades esquecidas. Gllauce então passou a ser o foco da sua admiração, por isso a semana que antecedeu o encontro com os ex-colegas de graduação, ele não conseguiu pensar em mais nada.

Primeiro se questionou se era justo os maridos e esposas não participarem, depois agradeceu por este detalhe. A sua mulher implicaria com alguns naquele grupo, como sempre fazia, além de limitar a sua participação com desculpas que logo os tirasse dali. Alexandre queria aquela noite de liberdade, como um sopro suave para a sua vida. Queria beber e conversar com os amigos sem precisar contar cada detalhe ou justificar seus atos. E queria, acima de tudo, encontrar Gllauce e rir das recordações sem que com isso criasse um atrito em seu casamento.

Por isso, primeiro ele se certificou de que ela iria, depois confirmou a sua presença. Já Gllauce não pensou em Alexandre quando aceitou participar do encontro. Assim que sua ex-colega, Yuka, enviou a mensagem na rede social com a ideia, achou que seria uma excelente oportunidade, ainda que exigisse dela uma programação elaborada.

Consultou sua agenda para deixar a cidade no dia do encontro pela manhã e retornar no outro logo após o almoço. Ficaria na casa da irmã, por isso levaria um dos filhos, para que os primos se encontrassem e curtissem uma noite diferente. O marido não fez oposição, a incentivou, brincou com a ideia de não aceitarem os cônjuges e tal atitude fez com que Gllauce tivesse a certeza de todos os passos que deu até aquele momento.

Até que Alexandre voltou aos seus pensamentos e ela se deu conta de que seria o primeiro encontro desde a formatura. Tiveram uma única conversa sobre o que aconteceu, nunca colocaram como algo forte o suficiente para acabar com a amizade que nutriam, mas, apesar disso, ambos seguiram seus caminhos e usaram a desculpa de que a vida os separou, não o que fizeram.

E foi com essa sensação estranha, um embrulhar no estômago que Gllauce desembarcou na rodoviária de Salvador ao lado do seu filho caçula, de oito anos, e se dirigiu até a casa da irmã. Nem mesmo o festejo do reencontro com aquela que acreditava compartilhar todos os seus segredos, amenizava o incômodo.

Antes do horário estava pronta, com o vestido escolhido há dias, unhas feitas, alongadas em especial para aquele momento, cabelo hidratado e no volume ideal, o salto alto, não mais do seu costume, lhe deixava insegura, ainda assim, não desistiu de usá-lo. Seria uma noite apenas, sem necessidade de dirigir ou de estar pronta para o trabalho no dia seguinte.

Deixou a casa da irmã quinze minutos depois do horário estipulado. Não queria ser a primeira a chegar, nem a última a sair. Em muitos momentos, enquanto se arrumava e desabafava com sua confidente, entre um gole e outro na vodka compartilhada, relembrava os colegas, os jeitos, as brincadeiras, as intrigas, a união que durante os quatro anos de curso não deixou de existir. Viu-se com vontade de reencontrá-los, esqueceu-se do medo, das inseguranças, ainda que não esquecesse de Alexandre e não deixasse de especular como seria estar cara a cara com ele outra vez.

E foi com essa ideia renovada, a saudade dos ex-colegas, que ela adentrou no salão de festas pouco depois de iniciarem os festejos. Encontrou duas amigas ainda na portaria, abraçaram-se, riram ao descobrir que mesmo com o passar dos anos, ainda se reconheceram.

Os demais encontros aconteceram de forma harmônica e quando Alexandre chegou, Gllauce não tinha mais qualquer dúvida de que nada ali ultrapassaria a fronteira do reencontro entre melhores amigos. Ela o viu chegar e relaxou, mesmo ciente de que a bebida a ajudava e de que buscou nessa uma maneira de fazer com que sustentasse a leveza.

Eles se olharam com carinho, sorriram e se abraçaram. Um abraço apertado, longo, que dissolveu de ambos qualquer temor. Em pouco tempo conversavam como se não existissem na história deles um abismo. Eram apenas Gllauce e Alexandre, amigos inseparáveis, que durante os primeiros anos fizeram a turma toda apostar no namoro e que nos seguintes aceitassem ser, de verdade, uma amizade real e sincera.

Cada lembrança um buscava no outro a recordação e a comprovação de que aquela era a versão verdadeira. Divertiram-se, colocaram em dias o que um perdeu do outro durante os dezesseis anos afastados. Alexandre mostrou fotos da sua família, falou mais sobre o filho, comentou sobre a escolha de

não terem outra criança para cuidar. Gllauce explicou, outra vez, a decisão de deixar a administração de lado, mas admitia que o curso lhe ajudou e ainda ajudava a administrar a clínica que um dia seria dela.

Foram quase quatro horas sem que precisassem retornar a insegurança. Gllauce até mesmo esqueceu a determinação de não ficar entre os últimos e assim se viu presa a proposta de Milena e Yuka. Ela não queria brincar, achava que os colegas se constrangeriam e que isso faria com que fossem embora, e, verdade seja dita, ela não estava pronta para se despedir outra vez.

Talvez por isso ficou, e pelo mesmo motivo não se atreveu a ir embora quando a primeira pergunta gerou risadas entre os colegas. Yuka levantou de vez uma questão que aliviaria muitos corações: Eu nunca traí minha melhor amiga ou amigo. Ela e Alexandre se olharam e sorriram quando recusaram a bebida. Foram amigos fiéis, incapazes de machucar um ao outro.

Por isso, o alívio que sentiu ao perceber que ele também não bebeu, além dos risos e brincadeiras entre os que beberam e confissões desastrosas com conversas que nada tinham a ver com a vida deles como universitários, não a preparou para a pergunta seguinte.

— Bom, já que Yuka fez a primeira pergunta, eu quero fazer a segunda — Milena puxou a palavra para si, enquanto tornava a encher os copos que foram entornados na primeira rodada.

— Você conhecia todos os segredos da turma, Mi. Não vale — Daiane, uma ex-colega de quem Gllauce gostava muito, casada com outro colega, Deco, contestou.

— Vocês sempre me colocaram na posição de amiga — Milena reclamou com um muxoxo que fez os colegas brincarem. — E eu bem que pegaria alguns da nossa turma — confessou.

— Quais? — Alexandre quis saber enquanto os demais alimentavam a brincadeira.

— Quando for a sua vez de perguntar, eu respondo — Milena provocou e a turma entrou no clima. — Preparem-se. Eu nunca… transei com meu melhor amigo, ou amiga, claro.

Gllauce retirou a mão do copo como se este pegasse fogo e assistiu, sem a mesma alegria dos demais, Milena virar a sua bebida como uma confissão. Ela escondeu as mãos embaixo da mesa e apertou os dedos uns nos outros. Contou os segundos antes de Alexandre também retirar a mão

dele e evitou, sem sucesso, demonstrar o quanto a atitude do amigo a fez relaxar.

Por debaixo da mesa Alexandre procurou a mão dela. Apertou seus dedos sem desviar a atenção dos colegas que no mesmo instante instigavam Milena a contar que história era aquela. Tanto Gllauce quanto Alexandre não demonstraram, no entanto, não acompanharam a confissão de Milena



2006 – OITAVO SEMESTRE

— Se eu não fechar, não me formo — Alexandre explicou aos amigos, a preocupação estampada em seu rosto.

— Meu Deus, como você é dramático! — Gllauce reclamou.

— É sério. Você sabe disso, Gllau.

— Eu sei que você precisa de uma boa nota, mas fechar? É drama demais para um cara tão centrado, Alê.

— Eu preciso de menos da média — Deco, colega de sala da dupla, informou.

— Claro, quem faz sua prova é a Daiane — Alexandre zombou e fez os colegas rirem da situação.

— Eu queria ver alguém aqui dentro ter essa facilidade — Deco rebateu. — Mas a dupla funciona bem para os trabalhos acadêmicos. Eu nunca teria a organização de Dai, assim como ela jamais teria as minhas ideias.

— Tá vendo, Gllau, eu avisei que isso de amizade não daria certo. Nós deveríamos namorar — Alexandre brincou diante da situação contornada por ambos desde o início da amizade.

— Namorar você? Nem morta!

Gllauce refutou a possibilidade, como sempre fazia. Para ela, demonstrar que a amizade entre eles era verdadeira, como tantos fizeram questão de duvidar, valia mais do que qualquer paixonite pelo melhor amigo. Alexandre era lindo, ela jamais negaria. Fazia o estilo garotinho do papai se não fosse por um detalhe, ele não tinha um pai para sustentá-lo enquanto cursava a faculdade, ela sim. Sempre vestido conforme à moda, preocupado com a aparência, Alexandre se destacava pelo corpo definido e olhos verdes.

Ainda assim, passado o primeiro impacto pela beleza do rapaz, Gllauce se deu conta de que gostava mais da sua companhia do que qualquer possibilidade de relacionamento entre eles. Ela gostava de ser a garota que na faculdade não tinha outro interesse além das aulas, afinal de contas, fora para isso que seu pai a enviou para Salvador. E tinha outra questão, ela detestava a ideia de que em um possível rompimento, precisasse continuar ao lado da pessoa, como aconteceu com os amigos, Daiane e Deco. Se eles não tivessem reatado, Daiane não aguentaria mais um semestre ao lado do ex-namorado. Gllauce não queria aquilo para ela. De sofrimento bastava a obrigação de estudar, era o seu lema.

Com o avançar dos anos, Alexandre deixou de ser o cara bonito da faculdade e se tornou o amigo querido, bobo, enrolado com os estudos, mas com uma grande vontade de vencer na vida.

— O que uma pessoa como Gllauce iria querer com alguém como você, Alê? — Deco disse, outra vez, envolvido na pirraça contra o colega. — Olha só a garota. Herdeira, gata, montada na grana.

— Eita! Montada na grana eu até queria — Gllauce não se deixou intimidar. — E ter um pai médico com uma única clínica em Amargosa não me coloca no patamar de herdeira, viu?

— Só de não precisar trabalhar e estudar… — Alexandre suspirou ao encarar a amiga. — Não tem um emprego na clínica do seu pai para mim, não?

— Não. Eu serei a administradora no momento certo, bebê. Nada de concorrência.

— Tá certa — Daiane deu seu apoio a amiga ao se aproximar do namorado. — Vamos?

— Vamos sim. — Deco ajeitou a mochila nas costas e pegou o caderno da namorada. — Vejo vocês depois.

Gllauce observou o casal se afastar e só depois voltou a sua atenção para o amigo. Alexandre colocou o material dentro da mochila de couro que usava todos os dias para as aulas.

— Vai trabalhar?

— Sou guerreiro, não herdeiro.

A garota deu um tapa no braço do amigo, que se afastou com um risada brincalhona.

— E você, vai fazer o que agora?

— Vou te deixar no ponto de ônibus, bebê.

De braços entrelaçados, deixaram a sala e andaram pelo corredor da faculdade sem preocupação com a intimidade que expressavam. Gllauce se sentia bem ao lado de Alexandre e este não reclamava do fato das garotas novas se confundirem com o que havia ali. Ele até gostava. Gllauce espantava as mais ousadas e assim ele escolhia com quem sairia.

— E o Ismael? Putz, Gllau, que nome mais feio o cara tem — pirraçou. — Eu nunca vou me acostumar com isso. Gllauce e Ismael. Horrível para um convite de casamento.

— E quem pensa em casar? — Ele riu e retirou o braço para jogá-lo sobre os ombros da amiga. — Ismael é o que é, um paquera, alguém para passar o tempo.

— E você nem tem vergonha de dizer isso.

— Vergonha por quê? Não somos namorados. Esse ponto está mais do que estabelecido. E se fôssemos, terminaríamos a qualquer momento.

— Porque você vai embora para Amargosa depois da formatura — Alexandre repetiu as desculpas da amiga e se afastou dela quando se aproximaram do carro.

Ele gostava da facilidade daquela amizade, no entanto, obrigava-se a não invejar a Gllauce pelo que ela tinha com tanta facilidade, como o carro, o apartamento que dividia com a irmã, as contas pagas e um futuro certo e seguro, enquanto ele se equilibrava entre estágios para desobrigar a mãe de sustentá-lo.

— E porque ele é um imbecil.

— Caramba, Gllau! Até o último final de semana, ele não era um imbecil.

— Ele se tornou um.

Gllauce destravou o carro e entrou sem aguardar pelo amigo. No último final de semana, ela teve um encontro terrível com Ismael. O garoto bebeu além da conta, foi um babaca e deixou a casa dela uma bagunça. Ela ainda não entendia porque não contou sobre o episódio para o melhor amigo, talvez por não digerir bem o que aconteceu, ou, por não agir de forma mais incisiva quando percebeu que o tal paquera lhe causaria um problema. Além disso, Gllauce sabia que Alexandre não deixaria barato e faria o que fosse necessário para afastar Ismael o quanto antes.

Ela não precisava de mais aquela confusão. Bastava a que Ismael arranjou e do que precisou fazer para que o síndico do prédio não levasse ao conhecimento do seu pai.

— É por isso que eu não namoro — Alexandre foi taxativo. Ele sempre era. Namorar não fazia parte dos seus planos. Não no momento.

— Porque nenhuma maluca quer você.

— Por isso mesmo. Todas malucas.

— Que papo horrível, Alê! — ela reclamou enquanto manobrava no estacionamento. — Machista pra cacete. É por isso que você não arruma uma pessoa legal.

Com um suspiro, Alexandre se encostou no banco do carro e coçou os olhos.

— Eu nem posso arrumar uma pessoa legal agora. O estágio acaba comigo. Não sobra tempo para nada. Até minhas notas despencaram.

— Sai então, ué!

— Às vezes eu penso que você não me conhece. Desde quando eu posso abandonar um emprego? Ainda mais um que já confirmou minha contratação após a formatura. Não, eu vou aguentar. A faculdade acaba na próxima semana e eu estarei livre para seguir meu caminho profissional.

— É, tá osso mesmo. Mas aguente. Não ligue para as bobagens que eu falo. — Alexandre riu e acariciou a perna da amiga.

— Eu nunca ligo, Gllau. Você é uma patricinha, vive em outra realidade, mas eu te amo. Não sei como será sem você aqui.

— *Onti*, que coisa mais linda! Nós vamos nos encontrar sempre. Você prometeu. Tem São João, tem feriados… e Amargosa é logo ali, um pulo, Alê.

— Sim, faremos tudo isso. Vou me formar, ganhar dinheiro, conhecer uma garota herdeira de alguma empresa e dar o golpe.

— Que horror! — ela gritou, mas também gargalhou.

O clima voltou a ficar leve e eles sequer sentiram que algo seguia na direção deles, pronto para mudar toda a história que sustentavam.



— Tem certeza que quer fazer isso? Você nem precisa estudar, Gllau.

Alexandre não queria negar a ajuda da amiga para conquistar a nota necessária, contudo, tinha total conhecimento de que Gllauce sequer precisava de nota para a última prova do semestre e que se comprometer com os estudos dele tiraria dela a liberdade de curtir o final de semana.

— Por que você não pode só aceitar a minha ajuda? — Gllauce rebateu do outro lado da linha com o humor inalterado.

Ao contrário dela, naquele horário ele não tinha ânimo para nada. Depois de uma semana agitada, repleta de compromissos da faculdade e de ajustar seus horários sem comprometer o trabalho, Alexandre se arrastava pelos cômodos, doido para deitar e recuperar a energia, já que no dia seguinte, sábado, trabalharia além do seu horário para repor o banco de horas.

— Eu aceito, minha linda. Só não quero que você se comprometa comigo justo quanto se despede das santas farras em Salvador. — Ele deixou escapar um bocejo que fez sua amiga rir. — Estou quebradão.

— Trabalho não é para os fracos.

— Está enganada — ele brincou ao caminhar para seu quarto com um copo com água. — Estudar não é para os fracos.

— Deixa de ser dramático! — Gllauce comentou ao buscar sua bolsa. — Você se deu bem o curso todo, só este último semestre que deslizou.

— Acho que cansei.

— Então canse mais um pouco. Não durma agora — ela demandou com toda disposição que Alexandre não tinha mais. — Seremos só nós dois, tá?

— Como assim?

Alexandre não deitaria, pois tinha medo de pegar no sono enquanto ainda conversava com a amiga, no entanto a cama convidativa e suas costas doloridas falaram mais alto, então ele se esticou no colchão e tapou a boca para que Gllauce não ouvisse outro bocejo.

— Estudar, Alê! Poxa!

— Perdão, linda. Tá puxado.

— Então, não conte ao pessoal que estudaremos juntos, tá? Você sabe que a galera fará tudo para se reunir neste final de semana e se o objetivo é estudar de verdade é melhor nem comentar.

— Combinado. Vou dormir aí, tá? Amanhã pego uma boa parte da tarde, então é melhor eu ir direto.

— Sem problema, a casa é toda nossa. Mariana está com o namorado.

— Levo o quê?

— Seu caderno, bobo.

Mas Alexandre detestava se sentir um peso para as pessoas, então fez uma anotação mental para comprar algo antes de se encontrarem. Se ele

chegasse de mãos vazias, Gllauce não aceitaria a sua contribuição.

— Vamos estudar com o seu material, o meu e com a ajuda da internet — Gllauce completou, feliz em ajudar o amigo. Tomou para si aquela missão. Queriam que se formassem juntos e ela não deixaria a cidade sem realizar essa vontade.

— Vai sair hoje?

— Vou sim. Como você disse, estou me despedindo das santas farras de Salvador.

— Boa sorte.

— Quem precisa de sorte? Com certeza eu não. Estou preparada para o mundo.

Ela sorriu ao conferir a imagem no espelho. Com uma saia curta que deixava as pernas esculpidas em destaque, uma blusa mais comportada, contudo, brilhosa e uma bolsa a tiracolo era tudo o que ela precisava. Gllauce levava a sério a ideia de se despedir das farras pela cidade que a acolheu nos últimos anos.

— Tá. Vou dormir agora, mas vou deixar o celular ligado. Qualquer coisa pode ligar.

— Beijos.

Alexandre desligou, mas apesar de cansado, não adormeceu de imediato como gostaria. Ele pensava em Gllauce sozinha na noite, com amigas tão descuidadas quanto ela, entretanto, naquele momento não havia nada que pudesse fazer. Ele não sairia nem se estivesse com a bateria recarregada, ou se não tivesse que trabalhar no dia seguinte.

Na verdade, Alexandre administrava o que ganhava para tirar da mãe o peso do seu sustento, garantir o transporte tanto para a faculdade quanto para o trabalho, a alimentação entre os dois e também, a imagem que garantia com as vestimentas corretas, além disso, ele sempre guardava uma quantia para eventuais necessidades, qualquer valor, mas precisava acrescentar todos os meses algo em sua poupança.

Não sobrava quase nada para acompanhar a amiga em suas farras de final de semana. Não as que ela fazia. Ainda assim, o incômodo não passou, e aquela foi uma noite inquieta que não lhe permitiu a recuperação adequada.



Gllauce acabava de arrumar o material sobre a mesa quando o interfone tocou. Era o porteiro para liberar a subida de Alexandre. Ela então ligou o forno com a pizza de calabresa, a preferida dele, e abriu a porta para recebê-lo. Assim que o elevador chegou ao seu andar, ela abriu um sorriso imenso para o amigo, que demonstrava um cansaço além do normal.

— Nossa, Alê, que cara destruída é essa?

— Cara de quem está de fato destruído.

Alexandre se aproximou para beijar o rosto da amiga. Ele amou o cheiro fresco que sua pele exalava.

— Posso tomar um banho?

— Claro! — Gllauce fechou a porta e indicou o quarto dela para que ele se organizasse. — Tem uma pizza no forno, então se estiver com fome, seja rápido.

— Pizza? — ele se voltou para a amiga com o ânimo renovado. — Então acho que fiz bem em trazer isso. — Com a mochila sobre a mesa, Alexandre retirou de dentro desta duas garrafas de vinho tinto.

— Caraca, Alê! Nós somos tão sintonizados.

— Você e um cliente lá da loja, né? — Ele troçou quando Gllauce pegou as garrafas para levá-las à geladeira. — Recebi hoje de presente e achei que seria bom um pouco de álcool para enfrentarmos as horas de estudo.

— Um cliente te deu? Hum, deve ser vinho ruim e barato. Quem presenteia estagiário com vinho bom?

— Você é tão sacana, Gllau. Estagiário também é gente.

— Estagiário é o limbo, Alê. É o sonho de todo alguém que se submete a outro alguém — a garota rebateu com graça. — Só assim, ele tem onde descarregar as frustrações.

— Falou a garota que estagiou na clínica de um amigo do pai, por pouco tempo, e só para constar no currículo.

— Exato — Gllauce piscou para o amigo e fez com que ele retirasse a mochila de cima da mesa arrumada para os estudos. — Vá para o seu banho. Detesto o cheiro de trabalhador.

Alexandre riu sem mágoas quando segurou a mochila e se encaminhou para o banheiro. Ele não viu Gllauce como uma garota mimada e arrogante, como ela fazia questão de parecer em alguns momentos. Ele era a pessoa que mais conhecia a garota generosa que o esperava na sala, disposta a tudo para

fazê-lo não perder aquela disciplina, e, por consequência, o semestre em que se formaria.

Gllauce por sua vez, não esperou pelo amigo para agir. Enquanto ele tomava banho, ela pegou os pratos, as taças e serviu a pizza sobre o balcão da cozinha americana. Decidiu tirar o vinho da geladeira quando Alexandre acabasse. Voltou para a mesa e conferiu o material mais uma vez. Ela tinha certeza de que o que organizou ajudaria Alexandre a recuperar as notas.

— E esse material? — Alexandre questionou ao se juntar a amiga diante da mesa.

— Contemple a sua salvação — Gllauce brincou ao apresentar à mesa como se desvendasse os olhos de Alexandre para revelar um tesouro. — Aqui tem tudo o que precisaremos para a prova. Não tire da ordem — brigou assim que o amigo pegou as apostilas e livros que ela deixou organizados.

— Quando reuniu tudo isso?

— Hoje pela manhã. Aproveitei o tempo livre e fui à biblioteca. O professor disponibilizou uma lista com alguns títulos para os alunos. Aproveitei e tirei cópia das apostilas deixadas na pasta da xerox.

— Tudo isso?

— Em síntese, essas são várias versões do mesmo conteúdo.

— Poxa, eu sempre esqueço de pegar o material. Quanto custou?

Gllauce deu de ombros e não revelou o valor. Ela sabia que Alexandre quase nunca tirava xerox do material por não ter dinheiro para tanto. Ele preferia os livros disponíveis na biblioteca da faculdade e os resumos que fazia com eles.

— Com certeza mais do que os vinhos que você ganhou.

— Essa doeu — ele brincou. — Nem direi que você é a filhinha de papai mais sacana que eu conheço.

— Você acabou de dizer.

— Opa!

Ela fingiu aborrecimento enquanto ele, sem dar ênfase na péssima atuação da amiga, saboreou a pizza ofertada sem perder a ideia de que teria que comprar um presente de despedida e agradecimento para Gllauce, só assim se sentiria em paz com tanta dedicação.



Gllauce bebericava o vinho, que apreciou bastante, mas não abria mão de aporrinhar o amigo em suas colocações sobre a péssima qualidade da bebida. Ela observava Alexandre enquanto este lia cada uma das apostilas colocadas sobre a mesa e marcava os trechos mais importantes. Aproveitava-se da sua falta de atenção nela, para admirar o porte dele.

Alexandre tinha braços definidos, pois gostava de manter o corpo malhado, os ombros largos e o peitoral trabalhado completavam o conjunto que Gllauce não cansava de olhar. Ela conhecia o abdômen trincado que ele escondia por baixo da camisa, sabia que poucos pelos maculavam a pele lisa e evitava recordar o caminho sacana que estes faziam.

Com um novo gole no vinho, Gllauce desviou a atenção do amigo por causa do incômodo que a acometia quando se permitia divagar sobre os atributos de Alexandre. Se não fossem colegas de sala funcionaria bem uma pseudo relação, uma vez que ambos se alinhavam na ideia de que não queriam um namoro.

Alexandre era bonito, tinha uma boa conversa, um corpo incrível e fazia com que Gllauce se sentisse confortável para ser ela mesma e dizer o que pensava. Porém, se ela tivesse cedido à tentação, eles não estariam naquele momento na sala dela, relaxados, concentrados nos estudos do amigo e no objetivo de formarem-se juntos.

Essa era sempre a maneira que Gllauce encontrava de encerrar o assunto. Alexandre seria uma eterna fonte de admiração em relação a espécime masculina, mas a amizade entre eles deveria ser maior do que qualquer curiosidade ou bagunça hormonal.

— É uma droga não termos computadores suficientes na faculdade — Alexandre interrompeu o devaneio de Gllauce e obrigou a amiga a encará-lo. — Eu nunca consigo um tempo para usar os de lá e quando tenho, não há nenhum disponível.

— É sempre assim — Gllauce ressaltou, nada preocupada com a questão. — Para a nossa sorte, eis aqui o computador com direito a internet e tudo mais — gracejou ao indicar a pequena mesa posicionada na sala para que ela e a irmã dividissem a máquina.

— Nossa! — Alexandre passou a mão no rosto para espantar o cansaço. — Eu queria uma vida fácil.

— Ei! Minha vida não é fácil — Gllauce reclamou, dividida entre ficar sem graça e aborrecida.

Ela não reclamava de ter tudo na mão, sequer entendia como algo prejudicial para a sua carreira ter um pai que facilitava o processo, mas ter um computador em casa não era privilégio de poucos, o problema era que Alexandre pertencia a fatia menos favorecida. Com o salário que ganhava como estagiário e o da mãe, gerente de loja de departamento, eles se desdobravam para manter as contas em dias. Alexandre não teve um pai presente, não de forma afetiva e ainda menos financeira. Não que o amigo fizesse disso um motivo para se manter na posição de vítima. Aliás, ele mal reclamava do fato do pai escolher não participar da sua vida, mas valorizava a mãe e seus esforços e lamentava não fazer mais.

Por esses motivos, Alexandre era certeiro em suas escolhas. Ele sabia que a sua beleza abriria portas, contudo só ansiava pelas honestas, o trabalho duro e verdadeiro. Também tinha consciência de que beleza não definiria tudo, mas, uma vez dentro, daria o seu melhor para crescer e era o que ele fazia desde que conseguiu o estágio em uma das grandes multinacionais da cidade. Ele se dedicava pra valer, aprendia além do interesse de um mero estagiário, não negava força nem trabalho, não fazia corpo mole para as necessidades da empresa e tudo isso deixava Gllauce feliz, pois ela tinha a certeza de que ele iria longe.

— Meu pai quer o melhor pra gente. Ele se esforça para manter isso aqui e no final das contas, tudo será nosso, fará parte do que ele lutou para construir e deixar para os filhos. Mariana escolheu Medicina, então… você sabe, é o orgulho do papai. Eu jamais conseguiria. — Gllauce estremeceu com a simples ideia de estar diante de sangue, ossos partidos e tudo mais que a profissão exige. — Então, fico com a parte administrativa.

— Que você detesta, por sinal — Alexandre lembrou.

— Não detesto é só que… meu destino é a clínica, quer dizer… é o que eu quero de verdade, só que não enxergo a necessidade de tanto conhecimento para aplicar em uma clínica de família.

— Porque você pensa pequeno, mas… — ele deu de ombros. — Eu acho que você perdeu a chance de fazer algo que goste de verdade.

— Perdi nada. Ainda sou jovem. E passar no vestibular da federal não é moleza. Eu agarrei a oportunidade. Com um diploma nas mãos, posso escolher o que fazer.

— E o que seria? — Ele provocou.

Gllauce costumava se esquivar da pergunta. Dizia que não fazia ideia do que queria além de voltar para a sua cidade natal e trabalhar na clínica da

família, porém no fundo nutria a vontade e esperança de se encontrar na área de saúde, sem precisar lidar com sangue ou qualquer parte mais traumática.

— Em especial, não precisar me esconder do meu pai quando o assunto for namorado. Isso que a Mariana faz me deixa incomodada, mas eu entendo — ela desviou o assunto. — Painho quer que a gente estude. Ele se desdobra para manter as contas das duas casas e Mariana estuda Medicina em uma faculdade particular, ou seja, existe muito peso nessa história, ainda assim, acho desnecessário ela esconder do nosso pai que dorme na casa do namorado todos os finais de semana, por exemplo.

— Tudo no seu tempo, Gllau.

— Tudo por uma mesada, Alê — Ela riu e levantou-se para ligar o computador, disposta a iniciar a próxima etapa e deixar o assunto para trás.

— E o Ismael? — Alexandre mudou de assunto ao se juntar a amiga e servir um pouco mais de vinho em suas taças.

— Ismael é passado — Gllauce declarou sem desviar a atenção da tela do computador. Ela não queria conversar sobre o ex-paquera.

— Você é rápida. Eu mal te acompanho — Alexandre brincou ao emparelhar a cadeira da sala, ao lado da ocupada pela amiga e também prestar atenção no que ela fazia.

— Eu já te disse, vou embora em pouco tempo. Não há motivos para aturar marmanjo quando sequer penso em namorar.

— Neste ponto concordo com você. Do que adianta o apego se você vai partir? Eu, por exemplo, deveria ter mantido distância. — Gllauce sorriu com carinho para o amigo e esqueceu por completo da tarefa que realizava. — Vou sentir tanto a sua falta, Gllau.

A confissão mexeu com os dois. Gllauce sentiria a falta de Alexandre por diversos motivos. Ele era o seu porto seguro, alguém para quem poderia ligar quando desse tudo errado, a ajuda que lhe deixava confortável, pois confiava que nunca lhe faltaria. Para Alexandre, Gllauce era a garota em quem mais confiava. Ele a achava linda e com certeza atraente, ainda assim, esses não eram os pontos fortes naquela relação. Gllauce era fiel, cuidadosa, dedicada ao máximo e ele temia não ter nunca mais a sensação de paz e segurança que experimentava ao lado dela.

Sem pensar no que fazia, ergueu a mão e acariciou o rosto dela. Toques entre os dois eram normais, costumavam andar de braços dados pela faculdade, abraçavam-se com frequência, cuidavam um do outro, porém, daquela vez foi diferente para ambos. Alexandre sentiu a textura da pele bem

cuidada da amiga e se perguntou como seria não tocá-la quando sentisse vontade. Gllauce estranhou sua pele queimar com o carinho e teve vontade de fechar os olhos e aproveitar, mas não o fez.

No final das contas, com a sensação estranha de que não estavam no seu estado normal, afastaram-se. Gllauce atribuiu a confusão às garrafas de vinho que beberam sem preocupação e Alexandre se convenceu de que ficara emotivo com a ideia de que em uma semana teria que se acostumar com a ausência da amiga.

— Aqui — ela apontou meio que com pressa em mudar a atmosfera que os cercou. — O professor sugeriu esse blog. O cara é fera e com certeza terá coisas interessantes para falar sobre os assuntos da prova. Venha — ela disse ao se erguer e liberar a cadeira que ficava de frente para o computador. — Estude por aqui. Enquanto isso eu vou lá embaixo.

— Fazer o quê?

— Comprar um vinho que preste. Essa porcaria que bebemos nos fará mal e merecemos algo melhor para finalizar os estudos.

— Garota, você consegue ser mesmo chata. Vou pegar o dinheiro para dividirmos.

— Que dividir o quê? Você bancou as duas primeiras e eu só quero mais uma.

— E você comprou a pizza — Alexandre rebateu.

— E você alegrou o meu dia com disposição para passar o final de semana comigo. Papo encerrado. Estude.

Ela não se importou com os protestos do amigo. Na verdade, Gllauce precisava sair dali e respirar. A sensação estranha continuava em seu corpo, pulsante, viva, e ela não queria lidar com isso.



Gllauce se demorou o quanto pode na escolha do vinho que levaria para casa. Não era grande entendedora da bebida, o que pouco conhecia fora das suas saídas por Salvador. Gostava do que era bom, de conhecer lugares bem frequentados, contudo, naquele momento, não precisava de nada requintado, uma vez que com certeza Alexandre não apreciaria um vinho seco, a prova necessária era o fato de ele ter bebido o doce sem reclamar e ainda ter elogiado.

A garota também não era uma grande admiradora de vinho seco, ainda que este fosse classificado como o bom. Bebia quando adequado, mas na escolha, o doce e o branco ganhavam o seu paladar. Desta forma, observou rótulos, conferiu as especificações e desistiu. Ela não venceu a sensação estranha. Foram anos de amizade e em todos os momentos refreou toda e qualquer vontade de ser mais do que aquilo. A constatação de que não fora o suficiente a deixava inquieta, pois jurava ser este um assunto resolvido e esquecido.

O que mudou? O que fez com que seu corpo reagisse daquela forma? Por que, de repente, prestes a finalizar aquela etapa com honras, Alexandre saltou aos seus olhos com todos os seus atributos e detalhes sobre os quais ela não cansava de admirar?

Ela não sabia a resposta, por isso, com um suspiro resignado, tirou da prateleira um vinho conhecido e foi para o caixa. Com passos lentos, caminhou na direção do seu apartamento e, ainda acreditando precisar de mais tempo para se restabelecer, contudo, ciente de que não havia como deixar Alexandre sozinho no seu apartamento sem a ajuda que ela mesma ofertou, voltou para casa.

Assim que abriu a porta ouviu o primeiro som. Alexandre, em algum lugar da sala, soluçava. Não uma vez, mas duas ou três, um pouco de paz e em seguida, uma grande quantidade de soluços. Gllauce riu.

— O que foi isso?

— Eu… — ele soluçou outra vez. — Estou com… soluço.

— Bom, isso está claro. Eu avisei que esses vinhos eram ruins. Taí o resultado. — Gracejou. — Já sirvo o que chamo de vinho aceitável e isso logo acaba.

Ele continuou a soluçar. Com uma olhada rápida, Gllauce percebeu que a situação incomodava o amigo, então deixou o vinho sobre a bancada, encheu um copo com água e o entregou.

— Beba com calma.

— Eu… Já… tentei isso.

— Aposto que bebeu com pressa. Tem que ser aos poucos, goles lentos.

Apesar de ter acabado de engolir toda a água que buscou antes de Gllauce retornar, Alexandre obedeceu e, desta vez, com goles lentos e contínuos, se obrigou a ingerir todo o conteúdo. Ao entregar o copo à amiga, os soluços voltaram. Ele constatou que com mais força, mas Gllauce não viu

diferença entre como o encontrou e como soluçava após ingerir a água da maneira correta.

— Não… adiantou… — Alexandre insistiu.

Na verdade, soluçar não fazia parte da sua lista de coisas agradáveis no mundo. Não apenas pela vergonha de soltar aquele som guinchado a cada segundo, mas também, em especial quando a situação se alongava, pela dor que o acometia um pouco abaixo do peito, no centro entre as costelas.

— Deixa eu pensar em algo aqui. — Gllauce mordeu os lábios enquanto buscava em sua mente todos os tipos conhecidos para eliminar uma crise de soluços. — Já sei! Ajuste a sua respiração.

— Como… assim? — O rosto de Alexandre começava a ficar vermelho e ele já não conseguia mais se conter de tanto aborrecimento com as repetições ininterruptas.

— Assim.

Gllauce respirou com calma, o ar enchia primeiro a barriga e depois o peito, em seguida, ela fazia o trabalho inverso, liberava o ar do peito e depois da barriga. Ainda que acometido pelo excesso de soluços, uma parte do cérebro de Alexandre registrou a cintura fina de Gllauce e os seios fartos que se estendiam em sua direção quando ela chegava ao seu limite de ar.

— Vamos, repita junto comigo — Gllauce o obrigou a levantar e imitá-la.

A sessão não durou dois minutos. Alexandre se esforçava, mas entre o puxar e o largar do ar, soluços impediam o sucesso da manobra.

— Deixa… daqui a pouco… passa — ele desistiu, aborrecido, a dor entre as costelas e abaixo do peito entregava o esforço do corpo.

— Tem outra coisa, mas eu não sei se dá certo — Gllauce pontuou.

Ela pegou o copo que serviu água a Alexandre e voltou a enchê-lo.

— Não aguento… mais… água… Gllau — ele protestou.

— Tem que beber de cabeça para baixo — ela indicou com pressa.

— Puta… merda… — Alexandre riu, não sem soluçar. — Seu… pai… ensinou isso?

— Não. Mas todo mundo diz que é a melhor maneira. — Gllauce empurrou o copo na direção do amigo.

— Gllau… impossível… beber água… de cabeça… para baixo.

Alexandre levou a mão ao ponto de dor e fez uma careta feia. Gllauce também fez. Ter consciência de que o amigo sofria e que nada faria a agitava. Se Alexandre ao menos tivesse plano de saúde, ela o levaria na

emergência, mas ele não tinha e com certeza nenhum hospital público levaria a sério uma crise de soluços.

Ela queria ligar para o pai, mas como diria que seu amigo estava com ela, em um sábado, sozinhos em casa? E como justificaria a ausência de Mariana?

— Já sei.

Gllauce passou com pressa por Alexandre e, no quarto, abriu e fechou portas em busca da sua caixa de costura. Alexandre não se deu ao trabalho de seguir a amiga. Cansado, os soluços insistentes mitigavam seu corpo, achou melhor sentar no sofá e fechar os olhos. Voltou a abri-los quando Gllauce colocou em sua testa uma coisa estranha e molhada.

— O que… é… isso?

O rapaz retirou o pequeno volume e se surpreendeu com o montante de linha vermelha embaraçada e molhada.

— Linha vermelha. É tiro e queda — Gllauce se adiantou em explicar. — Coloca de volta.

— Não! Tá… molhada.

— É lógico que está, é saliva.

— Eca!

Alexandre esfregou a coisa no braço do sofá e voltou a colocar a mão no local que doía quando outra leva de soluços se apresentou.

— Todas as mães fazem isso, Alê. Quando os bebês estão com soluços, esse é o tipo de coisa que dá certo.

— Nunca te… imaginei tão… supertici… osa — completou com um discreto sorriso nos lábios. — Vai… passar… relaxe.

Gllauce desistiu de tentar qualquer outra coisa e optou por abrir o vinho. Talvez Alexandre tivesse razão e logo acabaria. Não era assim que funcionava com ela e com todas as pessoas normais da face da Terra? Ela então focou no trabalho de abrir a garrafa, trocar as taças e derramar o líquido para entregar ao amigo. Em todo o tempo, sua mente não se desligou dos soluços ritmados, nem dos pequenos e baixos gemidos que Alexandre deixava escapar.

— Aqui — estendeu na direção dele a taça nova. Alexandre fez uma careta. Não queria mais álcool, não queria nada que não fosse se livrar daquela situação ruim e constrangedora, além de dolorosa. — Bebe, Alê. Vai que ajuda. Esse pelo menos é bom.

— Bom só… se fizesse… milagre — ele tentou brincar, contudo, incomodado, sequer conseguiu rir.

— Pense que é o vinho da Santa Ceia — Gllauce tentou, mas também começava a se angustiar mais do que o necessário.

— Amém — ele disse antes dos soluços dominarem alguns segundos que lhe impediram de entornar o líquido.

Gllauce bebeu com os olhos atentos à reação do amigo. Alexandre deu um pequeno gole, soluçou, fez uma careta e em seguida entornou todo o conteúdo. Não aguentava mais a situação e faria o necessário para se livrar dela. Foi o suficiente para deixar Gllauce assustada. Ele levou a mão à região que lhe incomodava e gemeu alto.

— Tá certo, Alê! Vamos ao médico — determinou ao abandonar a taça sobre a mesa.

— Que… médico? Quem vai… tratar… soluço? — ele tentou rir, sem sucesso.

— Qualquer médico que veja o seu estado. Vamos.

— Gllau… — ele segurou na mão da amiga e a fez parar, ainda que sem interromper os soluços. — Nós bebemos… você não… pode… dirigir.

— Vamos de táxi. — Ele riu, o que desencadeou uma nova onda de soluços. — Olha, Alexandre, não quero ser o urubu que aguarda a carniça, mas lá em Amargosa rolou a história de um homem que infartou depois de iniciar uma crise de soluços.

— Mentira.

— Não é mentira. Não sabemos o motivo por trás disso. Já aconteceu antes?

Ele negou com a cabeça, o que a deixou ainda mais preocupada.

— Eu não… tenho…

— Plano de saúde — Gllauce completou a fala do amigo. — Eu sei. Mas é para isso que existem hospitais públicos.

— Gllau… eu estou… bem.

A garota bufou, incomodada com a teimosia do amigo. O que faria? Se a história do infarto após uma crise de soluços fosse real, ela deveria agir o quanto antes, mas Alexandre era teimoso feito um burro empacado.

— Tá, vamos pesquisar alguma coisa na internet.

— Você sabe… que sou… péssimo nisso.

— O professor ensinou no primeiro semestre, Alê. É só usar aspas — Ela o levou de volta para a cadeira que ocupavam antes de tudo começar e

digitou a página de busca. — Encontraremos um monte de baboseira, ainda assim, em algum lugar deve ter a resposta que precisamos.

Enquanto esperavam que a página carregasse, Alexandre levantou outra vez e andou pela sala. Gllauce evitou qualquer comentário. Já passava da hora daquilo ter um fim e ambos se encontravam no seu limite.

— Tire a camisa — ela sugeriu sem olhá-lo.

Não precisavam de mais um pouco da sua adoração pelo físico do amigo e Gllauce sabia que, pelo tanto de álcool que ingeriu e pelos pensamentos antes de tudo degringolar, o abdome de Alexandre não passaria despercebido.

— Tá calor. Vai que ajuda — ela completou.

Alexandre não precisou de uma segunda ordem e logo caminhava pela sala da garota com sua bermuda baixa, descalço, peitoral exposto e cabelo bagunçado. A imagem que ela descreveria como perfeita.

Desesperada para não agir como uma idiota, demandou toda a sua atenção para a tela do computador e selecionou alguns artigos interessantes.

— Aqui diz para respirar em um saco — ela informou com o olhar atento à tela do computador. — “Aumenta os níveis de CO2 no sangue, e estimula o sistema nervoso.”

Sem esperar por uma resposta, correu para a gaveta onde guardava sacos plásticos e de papel e encontrou o que precisava. Entregou a Alexandre, que obedeceu sem contestar. Gllauce olhou para o relógio na parede da cozinha quando o amigo iniciou o processo e por dois minutos completos aguardou pelo fim do suplício. Não houve resultado positivo, o que frustrou a ambos.

— Se tentarmos tudo o que tiver como sugestão na internet e nem assim acabar, você vai para a emergência — determinou sem deixar margens para que Alexandre questionasse. — Próxima tentativa, tapar o nariz e fazer força para deixar o ar sair.

Alexandre fez o indicado seis vezes, sem sucesso. Gllauce então começou a enumerar as ideias que encontrava em sua pesquisa, como comer açúcar, chupar limão, até mesmo ensaiou um susto no amigo e nada dava certo. Nada. O desespero tomava conta dos dois à medida que falhavam em suas tentativas. Até que, concentrada no que seria o último artigo que tentariam, Gllauce quase gritou com a descoberta.

— Você não vai acreditar no que acabei de encontrar — ela anunciou com um sorriso nada adequado no rosto e precisou de mais um pouco de

vinho para manter a conversa.

Alexandre se aproximou e encarou a tela sem entender o que ela descobriu.

— Preste atenção. Aqui diz que no geral, o soluço está ligado ao nível de CO2 no sangue, se a gente aumentar a quantidade de CO2, conseguiremos acalmar o diafragma.

— Não… encontrei… a solu… ção — Alexandre continuou intrigado. Buscava no emaranhado de palavras algo que pudesse ajudá-lo, sem nada encontrar.

— Preste atenção, Alê, porque essa parte é inacreditável — Gllauce continuava animada, esquecida por completo da antiga preocupação. — Aqui conta que um médico chamado Francis Fesmire, lá nos EUA, nos anos 1980, usou uma técnica em um paciente que estava com um quadro como o seu há três dias.

— Que… merda!

— Pois é. Sabe o que ele fez? Enfiou o dedo no cu do cara e passou.

Alexandre levantou em um pulo, o soluço cortante, contudo, em segundo plano.

— Vá… a merda… Gllau! — A garota riu com vontade.

— Tá com medo de uma dedada?

— Isso aí é… mentira.

— Não é. Ele ganhou um prêmio chamado IgNobel e publicou um artigo reconhecido, em 1988.

— Uma… porra que… tentarei… isso.

— Que conversa machista. Prefere morrer então?

Alexandre ergueu o rosto em desafio, mas teve uma sequência de soluços que o impediu de rebater.

— Para a sua sorte, a ideia é massagem retal, mas que o levou a compreender que, de uma forma geral, o orgasmo possui o mesmo resultado.

— Orgasmo?

Gllauce sorriu para a cara vermelha do amigo, como se falar sobre sexo não fosse algo normal entre eles.

— Você precisa transar.

— Porra… Gllau!

— Faz sentido. Tem toda essa coisa da respiração, da quantidade de calor… — ela deu outro longo gole no vinho e resolveu que precisava encher a taça.

— Faz… sentido — Alexandre completou ao seguir a amiga até a cozinha. — O proble… ma é… com… quem?

Gllauce encheu a taça, ainda de costas para Alexandre, bebeu metade do líquido em um único gole, respirou fundo e se voltou para o amigo.

— Comigo — disse por fim, sem medo, sem constrangimento e sem chance de voltar atrás.



No primeiro instante Alexandre riu, ainda que interrompido pelos soluços incessantes. Nem isso fez com que levasse em consideração a oferta da amiga. Para ele, não passava de mais uma brincadeira de Gllauce e aguardou, não com ardor ou desespero, que ela risse e batesse em seu braço como sempre fazia. Mas não aconteceu.

Quanto mais Alexandre ria, mais Gllauce se sentia ridícula por ter feito aquela proposta. No fundo, não fora uma atitude impensada, ou tomada no calor do momento. Ela curtia Alexandre, admirava seu corpo e desenvoltura, e… no final das contas, sempre se sentiu atraída pelo amigo, ainda que preferisse manter a amizade.

Porém, aquele momento exigia uma entrega maior do que simples olhares cobiçosos. Alexandre sofria, tentaram de tudo e… bendita pesquisa, descoberta premiada e reconhecida no mundo da medicina… havia um jeito garantido de solucionar, para tanto, deveriam deixar para trás os tabus que sustentaram, para que a amizade permanecesse de pé.

Por isso o aborrecimento. Durante os anos ao lado de Alexandre, acreditou que também o afetava, mesmo ao presenciar o amigo conquistar diversas garotas na sua frente. Se houvesse a oportunidade, se Gllauce lhe desse um pingo de esperança, era com ela que Alexandre escolheria acabar à noite. Mero engano. À frente dela estava um amigo que sofria com a crise de soluço, que apesar da sua oferta generosa, se desfazia em risos como se ela fosse a sua última chance, ou nenhuma.

— Bom, você também tem a opção de usar o banheiro para fazer como bem entender. Só deixe limpo depois — ela rebateu, irritada como não deveria ficar.

Desde que iniciou a sua vida sexual e que entendeu que perder a virgindade não significava se prender a alguém, Gllauce tinha completa

noção de quem era, do seu poder de sedução, da sua capacidade de fazer um homem enlouquecer embaixo ou em cima dela. Gllauce era livre para se descobrir. Ainda assim, nunca sentiu na pele o desprezo de algum garoto por quem se interessou, pelo contrário. Para ela era até fácil demais.

Já Alexandre…

O amigo a segurou pelo braço quando, fingindo com esforço anormal uma naturalidade que não lhe pertencia, tentou voltar à sala e se dedicar ao estudo. Próximos demais, Alexandre a encarou, ela o sentiu de uma forma diferente, não o amigo que a envolvia nos braços e beijava seu rosto sem demonstrar interesse, Alexandre lhe devolvia um olhar intenso, cheio de expectativa da garota que acabara de se oferecer para um sexo sem compromisso.

Assustava-o tal ideia. Não por ser alguém com quem nunca esteve e por quem não precisou lutar, mas por ser ela, Gllauce, a sua melhor amiga. Linda, com toda a certeza. Deliciosa sem deixar dúvidas. Dona de uma sensualidade que enlouquecia qualquer rapaz da faculdade. Ainda assim, era Gllauce e mesmo que existisse a atração, o desejo contra o qual lutou a todo instante, como dar vazão a algo como aquilo? Por uma crise de soluço?

Era loucura demais para uma única pessoa.

— Não fique chateada comigo — ele pediu com a voz derrotada, baixo, rápido e direto.

— Não estou — ela sorriu e relaxou.

Apenas Gllauce percebeu que os soluços se não passaram, deram uma pausa maior entre uma respiração e outra. Talvez fosse verdade a ideia do susto, afinal de contas, Alexandre nunca imaginaria que ela se ofereceria para transar com ele. Agora ela tinha a desculpa perfeita para se fazer de engraçada e voltar ao normal com o amigo. Entretanto, nada disse. Aguardou que ele mesmo percebesse, ou, que um soluço, um único, escapasse dos seus lábios para indicar que ainda havia a chance.

Apesar de cobiçar o amigo, nunca antes expressou à vontade latente como naquele dia. Quando a ideia surgiu, ganhou força em seu corpo e ela sabia que seria dele no instante em que ele dissesse sim.

— Você tem duas opções, uma mais fácil, o banheiro — ela testou, concentrada em observar se o soluço apareceria. — Ou… me encarar.

As palavras chegaram como um desafio. Para além da ideia de salvar o amigo, havia nela a necessidade de saber se ele, durante todos os anos de amizade, também precisou lutar contra o próprio desejo.

— O mais fácil seria te encarar — ele confessou, ainda sem se dar conta da ausência do incômodo anterior, suas vistas vasculhavam o rosto da garota em busca de qualquer indício de brincadeira sem encontrá-lo. — Qual louco a recusaria, Gllau? — E a voz rouca, cheia do desejo que o ego de Gllauce precisava, foi o suficiente.

A garota não pensou duas vezes, também não imaginou que sua atitude teria um fim tão definido. Ela o envolveu com seus braços e o aqueceu com todo o corpo quando, na ponta dos pés, buscou os lábios do amigo, apenas um beijo, um experimentar necessário antes da sua partida. Depois do beijo, quente ou morno, com desejo ou apenas curiosidade, diria a Alexandre que o soluço fora embora e juntos ririam, mas ele a recebeu como disse, sem qualquer capacidade de negar nenhuma coisa dela.

Gllauce colou os lábios nos dele e se deliciou com a maciez. Também não ignorou a maneira como seu corpo acendeu quando o próprio Alexandre a abraçou, puxou-a para si, a ereção mais do que evidente em sua bermuda solta e suas bocas se abriram para que aprofundassem e se satisfizessem.

O que iniciou como algo doce, incerto, com a possibilidade de não ultrapassar as barreiras, se transformou em força, carnal, sem a necessidade de cuidados ou qualquer coisa que casais na fase da conquista faziam a fim de demonstrar o interesse além do sexo. Eles não precisavam disso. O que acontecia naquela sala era o acender de dois corpos que se desejaram por anos.

Com um gemido alto, Gllauce aprovou as mãos de Alexandre ultrapassarem seu vestido, explorarem a bunda e acariciá-la. Ela sabia que deveria alertá-lo sobre não haver mais soluço e assim, também deixar de existir a necessidade do sexo, contudo, não existia uma parte dela que desejasse interromper o que faziam.

Ela o queria como se seu corpo fosse fogo e o dele o madeira. Havia insanidade naquela entrega, na vontade desesperadora, na umidade entre as suas pernas, na ereção que se esfregava nela como se só daquela forma encontrasse vida.

O beijo, antes no experimento dos sabores, da suavidade da língua, da junção das carnes e no equilíbrio dos movimentos, o que sempre brincavam como a porta para que exista algo a mais ou não, transmutou-se, como se entre suas bocas uma energia além da explicação saísse de um e adentrasse o outro, mas, para além disso, bailasse entre os corpos, os prendesse, amarrasse e os levasse a beira da insanidade.

Foi assim que Alexandre se sentiu quando tomou a garota em seu braços, as pernas presas em seu torso, a bunda disposta para suas mãos incansáveis, curiosas por conhecê-la melhor, e a debruçou sobre a mesa, entre as apostilas do estudo que antes aconteceu sem qualquer apelo sexual. Nos poucos minutos em que se permitiu olhar a garota, os fios longos espalhados entre papéis, o arfar em seus seios, ele pensou que nunca foi tão gostoso estudar.

Gllauce nunca transou sobre a mesa da sua sala. Na verdade, evitava levar garotos ao seu apartamento, mas quando os levava, resumiam-se ao seu quarto, assim não constrangeria a irmã. Na sua cama fazia o que bem entendia era senhora dos seus atos e vontade, submissa quando não queria nada além de se deixar levar. Transava devagar, com doçura, mas também com toda a intensidade digna dos filmes eróticos voltados para homens. Gostava de se sentir desejada. Talvez tenha sido isso que a levou a agir.

Quando Alexandre a deitou sobre a mesa e sua pele se misturou aos papéis que perderiam a sua total utilidade quando acabassem, ela não quis perder aquilo que iniciaram. Não o deixaria voltar atrás. Então, sensual como era, puxou uma alça do vestido, depois a outra e desnudou os seios. O sorriso cheio de satisfação sexual chegou com gosto. Alexandre olhou seus montes como se encontrasse as joias mais raras do universo.

— Meu Deus, Gllau! Você é linda! — ele disse, a voz ainda rouca quando se debruçou sobre a garota, uma mão em um dos seios enquanto a boca se apossou com gosto do outro.

Gllauce gemeu com a sensação de que nunca fora daquele jeito. No geral não possuía sensibilidade naquelas partes se não trabalhasse com gosto nas preliminares, porém, entre ela e Alexandre não houve nada de sedução ou de trabalho para que um corpo ansiasse pelo outro. Foi rápido, cru, delicioso, e ela não sabia como agir com tanto desejo que parecia desintegrar do seu corpo por todos os lugares possíveis.

Ao mesmo tempo, ciente de que tinha à sua disposição a garota mais gostosa que conheceu nos últimos anos, a que mais o intrigava e que também, amava do seu modo, Alexandre não se sentiu estranho ao invadir o corpo da garota. Parecia ser o certo, que se conheciam e pertenciam. Nada na maneira como o corpo e a mente dele se comportavam davam a entender que aquela era a primeira vez entre eles.

Sua mão sabia cada lugar onde deveria estar para que a garota se contorcer-se, seus lábios sugavam o bico endurecido como se mamá-la fosse

algo trivial, como se soubesse que fechar os dentes no monte que apontava para o céu da sua boca, fosse a maneira mais rápida de levá-la ao orgasmo.

Ele acariciou a parte interna da coxa, abriu-a para si, se acomodou entre elas, massageou e acariciou como bem quis e se desmanchou entre tanto desejo e sentidos reprimidos.E quando seus dedos chegaram na calcinha, foi a vez de ele gemer com a umidade encontrada. Deliciosa. Da maneira como preferia em suas aventuras sexuais. Molhada, pulsante, pronta para recebê-lo.

Nunca em toda a sua vida Alexandre quis tanto se livrar das roupas e se afundar em uma mulher. Não daquela forma. No geral, ele curtia o tesão que fazia seu pau babar de desejo, mas com Gllauce, ele queria cada segundo em sua carne, entrar e sair todas as vezes que desejasse, não gozar tão cedo, mas assisti-la chegar ao seu limite até que não restasse forças em suas pernas para mantê-la de pé.

Quando seu dedo se afundou na carne quente e melada, ambos gemeram. Gllauce jogou a cabeça para trás, deliciada e se perguntou se de fato desejou tanto Alexandre durante aqueles anos, porque seu corpo cobrava o espaço deixado sem preenchimento e a castigava por isso.

— Ah! — Ela gritou, os olhos fechados e a cabeça para trás quando ele afundou mais um dedo nela.

Os lábios dele continuavam em seus seios, ora em um, ora em outro e era tão… gostoso. Alexandre agia em comum acordo, ele chupava e afundava os dedos, mordia e apertava sua carne por dentro, lambia e deixava seu interior para acariciar o clitóris, inchado de desejo.

Ele não retirou a sua calcinha, mas a puxou um pouco para baixo para que pudesse fazer o que bem quisesse com o sexo da garota, e fazia bem, como nenhum outro fora capaz. Gllauce resfolegou, as pernas abertas e apoiadas no topo da mesa. Nenhum pudor capaz de impedi-la de se expor tanto para o seu melhor amigo.

Alexandre gemia e dizia palavras que a excitava, ainda que as odiassem em outras bocas. Em seu íntimo, tudo o que ele fazia, potencializava em sua pele, em sua carne. Gllauce queria gozar. Aliás, desesperava-se para que seu corpo encontrasse aquele alívio necessário depois de tantas lambidas e chupadas, de tantas dedadas, carícias em seu interior, encontros de pontos que nem ela sabia existir. Ela se sentia pronta para se arrebentar em diversos pedaços, mas Alexandre, vestido com a sua bermuda solta, com uma ereção que lhe matava de curiosidade, não dava sinal de que pararia.

— Alê… — ela pediu, ofegante. Queria implorar pela penetração, para senti-lo com toda a sua extensão e potência, no entanto o que ele fez a enlouqueceu.

Quando Gllauce pensou que seu amigo a faria feliz e a penetraria, ele se abaixou sobre seu ventre, dois dedos dentro dela massageavam uma região que a fazia estremecer, deixava escapar um arrepio que partia de dentro dela e dominava cada partícula do seu corpo, e então, sem pudor, vergonha ou pensar que entre seu rosto estavam as pernas da mulher por quem teve mais consideração nos últimos anos, Alexandre lambeu o clitoris enrigecido, Gllauce gritou e se agarrou no tampo da mesa. Ele repetiu o movimento uma, duas, três vezes, em conjunto seus dedos tocavam todos os pontos, a carne que pulsava por alívio, e ela se rendeu, certa de que não suportaria nem mais um segundo.

Nos lábios de Alexandre, Gllauce gozou, se entregou como não fez desde que se descobriu mulher. Nunca fora tão potente, nem mesmo quando brincava sozinha, embaixo dos seus lençóis, conhecedora dos seus pontos fracos e dos que mereciam a sua atenção. Não, Gllauce nunca conheceu algo daquela proporção, tão bem orquestrado, consciente de como e quando fazer cada movimento.

Mas ela sequer teve tempo para pensar. Quando seu corpo buscava o retorno ao seu universo, Alexandre puxou seus quadris para a beira da mesa, os papéis colados às costas desnudas e suadas, amassados, inúteis, e em um movimento certeiro, se enfiou na garota. Não houve cuidado, nem calmaria. Ele também enlouquecia-se com ela e tudo o que a amiga era quando se abria para recebê-lo.

Alexandre amou, ainda que com o tecido da calcinha presente de forma a atrapalhar sua visão completa, conhecer a vagina depilada da amiga, rosinha, delicada, e tão molhada que o fazia ter vontade de lambê-la até não restar nada. Quando Gllauce gozou e apertou seus dedos enquanto ele lambia sua carne, ele pensou que não suportaria, que gozaria na bermuda. Mas resistiu e se sentiu forte, potente, másculo, ainda que sob o domínio fascinante de uma Gllauce que ele não sabia existir.

Antes que ela tivesse qualquer controle do seu corpo e da sua consciência, ele pôs o pau para fora da bermuda, esta abaixada apenas para que seu corpo encontrasse liberdade, puxou as coxas torneadas e deliciosas para si, a fenda aberta, molhada, ainda pulsante pelo orgasmo recente, a

bunda deliciosa completava o conjunto. Não havia qualquer chance de ele não penetrá-la ali.

E foi o que ele fez, mas do seu jeito, cheio de desejo, com o tesão em gotas na cabeça do seu pau. Não havia necessidade de ter calma, de prepará-la. Gllauce estava do jeito certo, aberta para ele e seu corpo indicava que apenas um orgasmo não seria o suficiente, para a sua plena satisfação. Por isso ele não parou quando a penetrou, foi fundo, entrou com toda a sua extensão e largura. Vangloriou-se com o aperto em seu membro ainda que houvesse umidade suficiente para facilitar a sua passagem.

Gllauce estremeceu, se contorceu com os resquícios que ainda se espalhavam pelo seu sexo, adorou ser invadida com tudo, sem ressalvas ou cuidados. O que ela queria de Alexandre era a chance de não pensar no que faziam, de não permitir que o constrangimento os cercassem ou que chegassem a levá-los ao questionamento do certo e do errado.

Reconhecia que em algum momento precisariam daquela conversa, mas não naquele, não com ele todo dentro dela, cada centímetro da sua pele massageada pela dele. Alexandre descansou o rosto entre os seios da garota quando chegou ao limite do seu corpo. Um ofegar delicioso escapou dos seus lábios. A quentura de Gllauce o envolvia, queimava, mandava mensagens para seu corpo que o desconectava do cérebro.

Ele ergueu a cabeça, buscou os olhos da sua companheira, quase tão perdidos e hipnóticos quanto os seus. Com avidez, de volta a sua incapacidade de pensar, segurou os dois pulsos da menina e os levantou até o topo da cabeça, em seguida, com apenas uma mão para contê-los, levou a outra até seu pescoço, e a fechou nele, sem violência ou vontade de apertá-lo. Tudo o que ele queria era que ela o encarasse enquanto a comia e, foi com um delicioso deleite, que enxergou naquelas iris encantadoras, o negro da pupila se dilatar como resposta.

Então, sem aguardar pela autorização, estocou com força na garota. Sobre a mesa apenas seus corpos balançavam, chocachavam, batiam em um ritmo selvagem, sexo com sexo, quadril no espaço da bunda da menina que se chocava com ele. Alexandre não se continha de tanto prazer, entrava e saía com vontade, não abandonava os pulsos presos acima da cabeça da garota, não deixava seu pescoço e enlouquecia com o movimento dos seios livres.

Vez ou outra, deitava-se sobre ela, diminuía as estocadas e assim fazia com que os corpos roçassem, espalhassem o prazer por cada pedacinho dela,

e abocanhava os seios suados, bicos rijos que pulavam a cada entrada mais forte. Gllauce perdeu de uma vez por todas a batalha. Ela gemia e se entregava. Reconhecia que com Alexandre valia a pena seu esforço e tudo nele alimentava a sua libido.

Quando o olhava com movimentos de quadris certeiros, invadindo sua carne com força enquanto suas mãos a mantinham cativa, seu sexo ameaçava explodir em um novo orgasmo. Chegava a ser ironia ela, a garota que dominava, que deixava claro quem mandava na cama e que defendia a mulher como se tal atitude fosse nociva, se deliciava com o domínio do amigo e sabia, faria o que ele lhe pedisse só para que tivesse um pouco mais daquele prazer que se espalhava por sua pele e lambia suas partes como se fosse a própria língua de Alexandre a lhe consumir.

O segundo orgasmo chegou com uma força brutal, sem que ela tivesse chance de se preparar. Gllauce gritou, seu corpo se contorceu como se precisasse se partir em diversos pedaços, por um segundo, ou mais do que isso, ela não pensou em nada. Seu sexo inchou, engoliu o do parceiro, se contraiu e a obrigou a roçar nele enquanto ele esperava que ela se acalmasse.

Mas ela não se acalmou. O segundo orgasmo exigiu mais, não a enfraqueceu, não a mitigou. Parecia que não teria fim pois pequenas voltagens continuavam a eletrizar a vagina avermelhada pelas investidas e repleta de desejo.

— Calma — Alexandre sussurrou no ouvido da garota quando se abaixou para que seus sexos não se desgrudassem. — Eu também quero mais.

E, outra vez, de surpresa, ele se retirou dela, puxou Gllauce para fora da mesa, a virou de costas e a fez se deitar de frente, o rosto grudado nos papéis, os seios suados destruíam o trabalho feito para que o colega conseguisse estudar. Ela não reclamou, nem mesmo quando ele abriu suas pernas com as dele, ou quando puxou sua umidade até seu anus e acariciou o local com que nunca brincou antes.

Ainda assim, Gllauce não ficou tensa, não se sentiu insegura ou invadida. Tudo o que Alexandre fazia combinava com ela, com seus desejos e vontades e enquanto ele abaixava a calcinha dela até que a mesma se prendesse em seus joelhos, manteve a cadência de buscar a umidade na vagina e a espalhar pelo anus depilado.

Alexandre queria se demorar naquele movimento, observar com a devassidão que inundava sua mente, Gllauce daquela forma, pernas abertas,

bunda empinada, toda lisinha e lubrificada para que ele se divertisse em seu corpo. Contudo, o tesão que lubrificava seu pau e se misturava ao orgasmo da garota lhe implorava para que se enfiasse nela outra vez.

Por isso, sem cuidado, de volta ao momento, e ciente de que fazia o que ela gostava, tendo em vista que Gllauce não deixava de gemer e de empinar a bunda para receber as carícias no orifício apertado, ele enroscou a mão no cabelo longo e o puxou, desta forma obrigava a garota a se oferecer, a empinar mais a bunda, a se manter aberta.

E ele não tinha dúvidas de que era o que ela queria, por isso o fez. Gllauce não parava de gemer, de rebolar em seus dedos, em engoli-lo a cada investida, sem aguardar por mais, manteve uma mão no cabelo da garota e a penetrou pela vagina castigada, mas que não se fez de rogada. Gllauce rebolou de uma forma sensual e ele se perguntou o quanto aguentaria até que acabasse.

Não queria gozar e deixá-la sem aquele último momento. Por muitos motivos, precisava que ela tivesse mais um orgasmo. Ego, desejo, vontade de fazê-la vê-lo como alguém que nunca imaginou, ele não conseguia enumerar, Não enquanto a assistia em seu rebolado sensual no seu pau e exibia o anus pronto para sua satisfação.

Ele foi fundo, estocou com vontade, segurou os quadris da garota para que ela o recebesse até o seu limite. Em pouco tempo a umidade de ambos escorria, grudava nos papéis. Alexandre não suportava mais, queria gozar, se libertar naquela garota. Por isso talvez fez o que lhe veio à cabeça. Sem sair de dentro dela, sem deixar seu cabelo preso para que sua bunda se mantivesse na posição que ele precisava, seu dedo rodeou o orifício disponível. Gllauce gemeu alto, sua bunda se empinou mais, suas pernas se abriram.

— Assim — ela gritou sem qualquer noção do que fazia.

Nenhum parceiro seu foi além de acariciar aquela parte e ainda assim, quando se dedicava à bunda que ela tanto trabalhava na academia e exibia nas roupas provocantes. No entanto, Alexandre mexia com ela, fazia com que desejasse que nada seu ficasse no desconhecido. E quando ele enfiou o dedo em seu anus, quando a estocou em acordo com as entradas que o pau fazia em sua vagina, entendeu que não havia mais volta.

— Porra, Alê, mete em mim! — Seu pedido reverberou no corpo todo do amigo.

Dois dedos entraram no anus da garota, diminuiram sua entrada. Alexandre desejou ter um consolo próximo para introduzir nela enquanto a comia, queria ver a sua reação, sem qualquer controle, sua mente se encheu de imagens de Gllauce de diversas formas, aberta, o pedido de mais, os gemidos insanos…

Suas estocadas ficaram mais fortes, duras e certeiras, seus dois dedos se enfiavam nela ao mesmo tempo que ele a assistia recebê-lo em dois lugares. Mas quando Gllauce estremeceu, quando seu grito se tornou a certeza de que ela gozaria, Alexandre se perdeu na garota.

Gozaram livres, loucos, entregues como nunca antes. Gllauce suada, papéis pelo seu corpo, Alexandre aliviado, deliciado com o orgasmo delicioso, se deixou deitar nas costas da amiga, sem permitir que seu peso a sufocasse. As respirações compassadas, o agradecimento em cada resfolegar.

— Passou — ela disse com a voz fraca, o rosto escondido sobre a mesa.

— O quê?

— O soluço.

Só então ele se deu conta de que não houve um soluço desde o primeiro beijo, não aconteceu em nenhum momento em que esteve no corpo dela, nem mesmo após o orgasmo. Com um sorriso bobo ele beijou as costas da garota.

— Você tinha razão.

— Eu sempre tenho.

Mas Gllauce não teve coragem de dizer que o milagre veio do susto da proposta e não do sexo. Deixou que a ideia ficasse, afinal de contas, precisariam de uma desculpa para que não passasse disso, um sexo delicioso para salvar o amigo de uma crise de soluços.



Pela manhã Gllauce despertou com a sensação de plenitude, contudo, sem se dar conta do motivo do sono reparador, ou até mesmo, para o relaxamento que a fez dormir até mais tarde. Então, como um passe de mágica, as lembranças voltaram.

Não que ela tivesse feito qualquer coisa sobre a qual não pudesse assumir a responsabilidade. Bebeu, não havia como negar, e também tinha consciência de que o álcool serviu de combustível para encorajá-la a agir. Ainda assim, tudo o que fez, ou deixou Alexandre fazer, teve a sua

permissão, e entrega, diga-se de passagem. Apesar disso, enquanto revivia cada detalhe daquela noite, Gllauce se encolhia e escondia embaixo do edredom, o mesmo que cobriu o corpo dela e do amigo quando deitaram-se para dormir.

Ao mesmo tempo, deu-se conta de que Alexandre não ocupava nenhum espaço daquela cama. A percepção a fez sentar-se com pressa, confusa, incerta se deveria agradecer ou se ressentir da ausência do homem com quem teve uma sessão de sexo esplêndida.

Alexandre era mesmo tudo o que ela imaginou durante todos os anos que dividiram enquanto cursavam a faculdade. Sozinha, ela sorriu, depois riu e se deixou cair outra vez no colchão. Não fazia ideia de como seria encarar Alexandre depois de tudo o que fizeram, de quebrarem a promessa de amizade. Ainda assim, Gllauce não se ressentiu.

— Ah, você acordou?

Alexandre entrou no quarto. Pega de surpresa, Gllauce escondeu o sorriso, a expressão de satisfação e encarou o amigo incerta sobre como deveria agir. Ela encontrou um Alexandre constrangido, parado ao pé da cama, tão incerto de como agir quanto ela.

— Eu… pensei que você tivesse ido… embora — ela confessou. Alexandre coçou a nuca, atitude que Gllauce gostava de assistir no amigo.

— Eu não quis sair assim, mas… É melhor eu…

Gllauce balançou a cabeça. Era tão desconcertante quanto absurdo depois de tantos anos não saberem o que dizer, desencontrarem as palavras.

— Não — ela disse com pressa. Precisava consertar aquela bagunça. — Alê, venha aqui.

Ergueu a mão para que ele entendesse a importância daquela conversa. Alexandre sentou ao seu lado, ainda inseguro, sem condições de encará-la como antes. Para Gllauce funcionava da mesma forma. No entanto, apesar de terem ultrapassado aquela barreira e de ambos gostarem do que aconteceu, era de conhecimento mútuo que ocorreu na hora errada, ou, se fossem otimistas, na certa. Gllauce e Alexandre se encaixavam como se fossem feitos um para o outro. A amizade de anos facilitaria um possível relacionamento, amavam-se antes mesmo de se darem conta do que aquele amor era. Ainda assim, não havia como acontecer.

Gllauce deixaria a cidade em poucos dias. Com a vida programada para se concretizar em Amargosa, iniciar qualquer relacionamento sério, seria o mesmo que desejar sofrer. Com Alexandre funcionária com maior potência.

Ele não poderia segui-la, não havia como desorganizar os próprios planos, uma promessa de emprego em uma excelente empresa, para tentar o incerto em uma cidade desconhecida. E havia a mãe dele, que contava com a ajuda do filho para uma vida com menos esforços e mais conforto.

Era isso. Aconteceu. Eles se amavam, mas não podiam, nem deveriam, prosseguir com a ideia.

De mãos dadas, corações apertados, escolheram não seguir por aquele caminho. De que adiantaria confessar os sentimentos? De que adiantaria prolongar a dor? Então ao invés de tratarem o ocorrido como algo que marcaria os dois para sempre, preferiram rir, encarar como loucura, brincar com a ideia do soluço e da salvadora, e no final, prometeram que nunca deixariam de ser amigos.

Foi com essa promessa que Alexandre deixou o apartamento de Gllauce logo após o café da manhã. Ele sabia, assim como ela, que mentiriam até o último segundo, até que ela fechasse a mala do carro e o abraçasse para seguir com a sua vida. Sorririam, conversariam, fingiriam que nada aconteceu. Por fora os velhos amigos vivenciavam os últimos dias da faculdade, a última prova. Por dentro, sufocavam um amor que desejavam viver pois tinham a certeza de que nunca mais, apesar de tudo o que a vida ainda lhes podia proporcionar, encontrariam aquele sentimento. Juntos eram inteiros, separados eram a metade um do outro.

Apesar disso, dezesseis anos depois, quando Alexandre buscou a mão de Gllauce embaixo da mesa, e, ainda que em silêncio, refizesse o pacto, nenhum dos dois conseguiu evitar a lembrança e a sensação de que, apesar de amarem tudo o que construíram, a família que tinham, a vida que levavam, para sempre existiria a ideia do “e se…”

Gllauce deitou a cabeça no ombro do antigo amigo e suspirou, satisfeita com a mentira. Seus colegas, por mais que fossem pessoas que ela amou um dia, e tinham um espaço em sua vida que ela jamais esqueceria, não precisavam saber daquilo que ela guardou com tanto carinho, da lembrança que pertencia apenas a eles dois, do segredo que nunca seria revelado.

O que eles não faziam ideia era de que, naquela mesa, todos tinham segredos, mas será que todos mentiriam?

AGRADECIMENTO

Eu estou muito feliz com o retorno dessa segunda temporada do “Leituras rápidas”. É diferente de tudo o que fiz e ainda assim, eu consigo me encontrar em casa frase, ainda que em uma história curta.

Preciso contar que toda essa coleção da segunda temporada será um agradecimento. Selecionei doze nomes entre betas e leitoras ativas no meu FC e resolvi homenageá-las com os nomes das mulheres que brilham nas capas. Como eu disse, é uma maneira de agradecer pelo carinho, pelo empenho e pela força. Espero que as que não tiverem os nomes aqui se sintam representadas e abraçadas por mim. Sem vocês eu não seria nada.

Agradeço mais uma vez e nunca o suficiente, às minhas betas Winnie Wong, Gllauce Brandão (sim, a Gllauce), Sheila Pauer, Janaína Ferreira e Marcira Lima. Dessa vez vocês se superaram com o prazo tão curto para tantos trabalho, então vocês merecem todo o meu amor.

Minhas meninas do FC Tatiana Amaral e Tatiana Amaral oficial, toda gratidão do mundo eu tenho por vocês. Obrigada por continuarem comigo, pelas mensagens diárias, pela paciência e pelo apoio. Vocês são maravilhosas!

E agradeço a todos os que chegaram até aqui. Os que não me conhecem, os que me conhecem há anos, os que estão sempre comigo.

Obrigada! Obrigada! Obrigada!

MINHAS REDES
Instagram - @tatianaamaraloficial
Facebook - /tatianaamaraloficial
Contato — contato@tatianaamaral.com

MEUS LIVROS
- Segredos - https://amzn.to/3EDsZlG
- Traições - https://amzn.to/3ksVniC
- Função CEO - A descoberta do prazer - https://amzn.to/3lOy6am
- Função CEO - A descoberta do amor - https://amzn.to/3AudDxo
- Função CEO - A descoberta da Verdade - https://amzn.to/3zlSeFm
- Função CEO - Um dia para os namorados - https://amzn.to/3aQPb1r
- O professor - livro 1 - https://amzn.to/3CwxgFW
- O professor - livro 2 - https://amzn.to/3tXSV6F
- O professor - livro 3 - https://amzn.to/3kr6mJm
- O professor - livro 4 - https://amzn.to/39pAy0V
- O diário de Miranda - livro 1 - https://amzn.to/3hTrne2
- O diário de Miranda - livro 2 - https://amzn.to/3zqDsNM
- O diário de Miranda - livro 3 - https://amzn.to/3tYcoUT
- Casei. E agora? - https://amzn.to/3ELS4LB
- Engravidei. E agora? - https://amzn.to/3hQtpvn
- A Carona - https://amzn.to/3EEyy3c
- A irresistível face da mentira - https://amzn.to/3hTc4lr
- Por mil anos - https://amzn.to/3lBMgew
- Por toda eternidade - https://amzn.to/3lBMgew
- Sem Perdão - https://amzn.to/3lOy6am
- Todo o meu perdão - https://amzn.to/3CvxAVo
- Com amor, Aurora - https://amzn.to/3nSOEk6
- Baile de Máscaras - https://amzn.to/3AGcX8x
- Dores e Amores - https://amzn.to/3EDvwwo
- A garota Invisível - https://amzn.to/3hPjar4
- Enquanto Ela Dormia - https://amzn.to/3BXzRsF
- Depois que ela acordou - https://amzn.to/32fZsAo
- Uma noviça em apuros -https://amzn.to/35200ea
- Uma noviça em fuga -https://amzn.to/3nCeZlp
- Alguém para cuidar - https://amzn.to/3uMYvvd
- Alguém para Amar - https://amzn.to/3i3L3eO
- O segredo de Ana - https://amzn.to/3xiDWb4

- As mentiras de Benício - https://amzn.to/3wlxMoD
- As certezas de Clara - https://amzn.to/3NuK8SG
- O fora da Lei - https://amzn.to/3yiAL2g
- Sob as minhas regras - https://amzn.to/3RaNb4v
- Ele é o diabo - https://amzn.to/3KFcVU1
- Ela não é santa - https://amzn.to/3CYEnK4
- Eu nunca… Raquel - https://amzn.to/3TkpR4T